

# Biblioteconomia, informação e poder

**Francisco das Chagas de Souza**

Departamento de Biblioteconomia e Documentação

Universidade Federal de Santa Catarina

Campus Universitário Trindade

88049 Florianópolis-SC

**Resumo** – Tece considerações acerca das relações de poder que se estabelecem a partir da atuação de bibliotecários em sociedades informatizadas.

A aplicação da tecnologia informática nas atividades bibliotecárias implicou mudanças substantivas no exercício da profissão de bibliotecário. Desde então procura-se uma identidade profissional que está cada vez mais distante de ser definida com segurança. Isso tem motivado uma redesignação dos rótulos profissionais, terminando por uma pasteurização que atende pelo codinome de “profissional da informação” (1).

Preocupações derivadas dessas mudanças atingem as escolas de formação de bibliotecários, seus respectivos currículos (2), bem como as entidades de afiliação e associação dos profissionais. Na medida em que essas preocupações passam a ser discutidas, atingem a estabilidade de bibliotecários e professores de Biblioteconomia (3). Face a isso, os debates têm sido orientados para a técnica ou conduzidos no sentido de atenuar os graves problemas da interação de ensinantes (teóricos) e executivos da Biblioteconomia (práticos). Os primeiros, o mais das vezes sem experiência de uso de equipamentos automatizados e os segundos, preparados por aqueles, com limitações e preconceitos profundos.

Diante disso, a gerência das atividades bibliotecárias automatizadas tendem a ficar a cargo de não bibliotecários, pois sua curiosidade e o não-preconceito os fazem alcançar mais rápida compreensão sobre o uso dos equipamentos automatizados na manipulação dos documentos e de seus conteúdos. Percebe-se, portanto, que a atuação dos bibliotecários em uma sociedade informatizada provoca o aparecimento de várias questões de natureza política. Uma delas, por exemplo, diz respeito a algumas facetas do poder. E a questão poder surge incitada pela defesa do mercado de trabalho bibliotecário a qualquer custo. Os bibliotecários não procuram entender que o mercado de trabalho em uma sociedade que se diz capitalista se define pela competência acadêmica/teórica/técnica e prática, e não apenas por leis (4).

Sendo o bibliotecário um subproduto direto da lógica cartesiana, por todos os instrumentos de trabalho que utiliza e pelos procedimentos técnicos que definiu ao longo dos últimos cem anos, deve aceitar o princípio de que "para poder, deve-se começar por saber e só se pode saber sob a condição de, num primeiro momento, libertar-se da obsessão do poder" (5), o que significa dizer que ele deve postar-se numa atitude de cooperação e aprendizado que é diferente de submissão. Acontece que o bibliotecário brasileiro é formado dentro de "formas" restritas ideologicamente e estreitas intelectualmente (6). Isso faz com que, ao se iniciar no Brasil a automação de bibliotecas, se veja ou o bibliotecário exaurindo-se por querer ter o mesmo domínio de conhecimento de um analista de sistemas (luta pelo poder a qualquer custo) ou submetendo-se ao analista de sistemas.

Não é intenção deste trabalho declarar a situação ideal, mas se observa que as experiências mais positivas são aquelas que integraram equipes multidisciplinares e nessas permitiu-se que o gerente das atividades bibliotecárias gerais seja determinado pela tradição existente na organização. Se a tradição diz que ao bibliotecário cumpre esse papel ele continuará a fazê-lo normalmente, inclusive fortalecendo sua posição nas relações hierárquicas formais internas.

Indo além dessa faceta da questão (a relação de poder interprofissionais) há uma outra e diz respeito à relação bibliotecário/utilizador de informações. Aqui se constata uma super-auto-valorização perseguida por certos bibliotecários. Há situações de aparência mística. Nelas o usuário é beneficiário do serviço como consequência e não como causa de todo o processo desenvolvido. Isso se dá pela iniciativa de profissionais bibliotecários extremamente tecnicistas e para os quais a consecução do projeto de automação carrega o sentimento de seu superpoder diante da instituição onde atua. Da mesma forma que as bibliotecas superlimpas e as coleções inacessíveis aos usuários esses sistemas automatizados também são concebidos para serem difíceis aos utilizadores os quais devem ser preferivelmente dependentes de auxiliares humanos ou automáticos para alcançarem a informação final que desejam.

Esse modo de fazer segue um ponto-de-vista deturpado pois implica a assunção de um poder inaceitável, uma vez que nem assim se comportam as ditaduras de estado. Nestas se respeita a premissa de que o poder é um "pedestal móvel" (7). Supondo que tal premissa é aceitável a nível de estado deve também sê-lo a nível de uma microorganização como a biblioteca.

Outra faceta da questão *poder* se estabelece com a adoção da informática na Biblioteconomia. Se dá na relação de diferença de estrutura, poder econômico e poder político entre os vários tipos de bibliotecas. Por extensão atinge ao próprio profissional bibliotecário. Daí surgem os biblio-

tecários de primeira classe e os bibliotecários de segunda classe. Isto é demonstrado na diferença de seus salários, na desigualdade de oportunidades de estudos/treinamentos e, em decorrência, no funcionamento do movimento associativo. Porém, geralmente, essa diferenciação mostra-se cosmética quando vista do ângulo da própria organização onde está aquele bibliotecário de primeira classe. Vê-se isso quando se verifica a relação de poder do bibliotecário em comparação aos demais profissionais universitários dessas organizações. Nelas aquele bibliotecário de primeira classe é quase sempre um profissional de segunda classe. Isso se explica pelo fato de a Biblioteconomia corresponder, dentro da sociedade ocidental, a uma atividade de apoio, estando na mesma categoria de outras atividades entrópicas de que fala Capra (8).

Dessa discussão, pode-se deduzir que há muito mais questões fundamentais a serem debatidas. O impacto maior que a informática traz ao ser aplicada na Biblioteconomia tende a ser a nível das relações de poder dentro da classe, e por extensão, no comportamento e atitudes de seus membros, e na relação entre alguns destes e os usuários finais.

## Notas e Referências

1. Ver a discussão a esse respeito realizada nas edições números 2, 3 e 4 do volume 1 do ABDF. Boletim Informativo.
2. Acerca desta questão ver os seguintes textos:  
GARRISON, Guy. Novos rumos na educação em Biblioteconomia; experiência norte-americana. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, 14(2): 161-174, jul./dez. 1986  
WILSON, T. D. Tendências do ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação no Reino Unido. *Revista de biblioteconomia de Brasília*, 14(1): 1-7, jan./jun. 1986.  
BRITAIN, J. Michael. Desenvolvimento de currículo nas escolas de Biblioteconomia para enfrentar o desafio da tecnologia da informação. *Ciência da Informação*, 14(2): 109-125, jul./dez. 1985.
3. Ver a respeito desta preocupação o seguinte texto:  
SAYE, Jerry D. A educação continuada e o docente de Biblioteconomia. *Perspectiva*; revista do Centro de Ciências da Educação (UFSC), 1(5):51-71, jul./dez. 1985.
4. Uma análise importante de Simon Schwartzman mostra, considerando a realidade brasileira, que "As novas 'profissões sociais' – jornalismo, administração, biblioteconomia, comunicação – (...) abandonam de vez a pretensão intelectual das ciências sociais mais estabelecidas, mas não chegam a constituir um conteúdo cognitivo consistente nem a possuir um perfil profissional definido. Tanto ou mais que as demais ciências sociais, elas tentam atrair as pessoas que não conseguem ingressar nas

*profissões estabelecidas, e para as quais a luta pela conquista e manutenção de um nicho legalmente definido no mercado de trabalho, pela via legislativa, assume prioridade sobre qualquer outra consideração”* (grifei): Isto limita a Biblioteconomia a quase nada ser.

SCHWARTZMAN, S. A força do novo: por uma sociologia dos conhecimentos modernos no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 2(5): 47-66, out. 1987.

5. BASTIDE, Roger. Introdução. In: ———. *Antropologia aplicada*. São Paulo, Perspectiva, 1979. p.2

6. Para uma compreensão deste aspecto relativamente às novas profissões sociais, nas quais a Biblioteconomia se inclui, ver o artigo de Schwartzman já citado na nota 4.

7. Esta frase foi cunhada por Foucault e está citada em SANTOS, Maria Helena Varela & LUCAS, Antonio M. Rollo. *Antropologia; paisagens, sábios e selvagens*. Porto, Porto Ed., 1982. p. 300.

8. Citamos integralmente o texto de Capra para melhor compreensão e para facilitar uma extrapolação da idéia no que se aplica à Biblioteconomia:

“No que se refere ao *status* das diferentes espécies de trabalho, há uma interessante hierarquia em nossa cultura. O trabalho com *status* mais baixo tende a ser o mais entrópico, isto é, aquele em que a evidência tangível do esforço é mais facilmente destruída. Trata-se do trabalho feito repetidamente, sem deixar um impacto duradouro – preparar refeições que são imediatamente consumidas, varrer o chão das fábricas, que logo estará sujo de novo, cortar sebes e gramados que não param de crescer. \* Em nossa sociedade, como em todas as culturas industriais, às tarefas que envolvem um trabalho altamente entrópico (...) é atribuído o mais baixo *status*, e são elas as atividades a que são destinados os mais baixos salários, embora todas sejam essenciais à nossa existência cotidiana. Os trabalhos com *status* mais elevado envolvem tarefas que criam algo duradouro – arranha-céus, aviões supersônicos, foguetes espaciais, ogivas nucleares e todos os outros produtos de alta tecnologia”.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. São Paulo, Cultrix, 1987. p. 223-224.

**Abstract** – The author does considerations about the power relationship between librarians and librarians and users of documents and informations in informatised societies.

## 6 Referências Bibliográficas

1. ANAIS do I Encontro Nacional de biblioteconomia e Informática. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 13, 1985.

\* Eu acrescentaria catalogar e classificar publicações, atender usuários da informação, etc.

2. ANAIS do II Encontro Nacional de Biblioteconomia e Informática. Brasília, ABDF, 1987.
  3. ARAÚJO, Vania Maria Rodrigues Hermes de. Papel do profissional da informação em uma sociedade em mudança. *Ciência da Informação*, 15(1):11-13, jan. 1986.
  4. FIGUEIREDO, Nice. Aplicação de computadores em bibliotecas: estudo comparativo entre países desenvolvidos e o Brasil. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, 14(2): 227-244, jul./dez. 1986.
- MIRANDA, Antonio. Problemas culturais, políticos e econômicos da informatização no Brasil. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, 14(1):27-37, jan./jun. 1986.